

## DOMINGO XII DO TEMPO COMUM

### CIC 423, 464-469: Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem

- 423** Nós cremos e confessamos que Jesus de Nazaré, judeu nascido duma filha de Israel, em Belém, no tempo do rei Herodes o Grande e do imperador César Augusto, carpinteiro de profissão, morto crucificado em Jerusalém sob o procurador Pôncio Pilatos no reinado do imperador Tibério, é o Filho eterno de Deus feito homem; que Ele «saiu de Deus» (Jo 13, 3), «desceu do céu» (Jo 3, 13; 6, 33) e «veio na carne»<sup>1</sup>, porque «o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade [...] Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos, graça sobre graça» (Jo 1, 14, 16).
- 464** O acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa do divino com o humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta verdade da fé, teve a Igreja de a defender e clarificar no decurso dos primeiros séculos, perante heresias que a falsificavam.
- 465** As primeiras heresias negaram menos a divindade de Cristo que a sua verdadeira humanidade (docetismo gnóstico). Desde os tempos apostólicos que a fé cristã insistiu sobre a verdadeira Encarnação do Filho de Deus «vindo na carne»<sup>2</sup>. Mas, a partir do século III, a Igreja teve de afirmar, contra Paulo de Samossata, num concílio reunido em Antioquia, que Jesus Cristo é Filho de Deus por natureza e não por adopção. O primeiro Concílio ecuménico de Niceia, em 325, confessou no seu *Credo* que o Filho de Deus é «gerado, não criado, consubstancial ('homoúsios') ao Pai»<sup>3</sup>; e condenou Ario, o qual afirmava que «o Filho de Deus saiu do nada»<sup>4</sup> e devia ser «duma substância diferente da do Pai»<sup>5</sup>.
- 466** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem»<sup>6</sup>. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina

<sup>1</sup> Cf. 1 Jo 4, 2.

<sup>2</sup> Cf. 1 Jo 4, 2-3; 2 Jo 7.

<sup>3</sup> *Símbolo de Niceia*: DS 125.

<sup>4</sup> CONCÍLIO DE NICEIA, *Epistula synodalis* «Epeidê tês» ad Aegyptios: DS 130.

<sup>5</sup> *Símbolo de Niceia*: DS 126.

<sup>6</sup> CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 250.

do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne»<sup>7</sup>.

- 467** Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado»<sup>8</sup>: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase»<sup>9</sup>.

- 468** Depois do Concílio de Calcedónia, alguns fizeram da natureza humana de Cristo uma espécie de sujeito pessoal. Contra eles, o quinto Concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 553, confessou a propósito de Cristo: «não há n'Ele senão uma só hipóstase (ou pessoa), que é nosso Senhor Jesus Cristo, *um da Trindade*»<sup>10</sup>. Tudo na humanidade de Cristo deve, portanto, ser atribuído à sua pessoa divina como seu sujeito próprio<sup>11</sup>; não só os milagres, mas também os sofrimentos<sup>12</sup> e a própria morte: «Aquele que foi crucificado na carne, nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da glória e um da Santíssima Trindade»<sup>13</sup>.

- 469** Assim, a Igreja confessa que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. É verdadeiramente o Filho de Deus feito homem, nosso irmão, e isso sem deixar de ser Deus, nosso Senhor:

«Id quod fuit remansit, et quod non fuit assumpsit» – «Continuou a ser o que era e assumiu o que não era», como canta a Liturgia Romana<sup>14</sup>. E a Liturgia de São João Crisóstomo proclama e canta: «Ó Filho único e Verbo de Deus, sendo imortal, Vos dignastes, para nossa salvação, encarnar no seio da Santa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e sem

<sup>7</sup> CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

<sup>8</sup> Cf. *Heb* 4, 15.

<sup>9</sup> CONCÍLIO DE CALCEDÓNIA, *Symbolum*: DS 301-302.

<sup>10</sup> II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 4: DS 424.

<sup>11</sup> Cf. já CONCÍLIO DE ÉFESO, *Anathematismi Cyrilli Alexandrini*, 4: DS 255.

<sup>12</sup> Cf. II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 3: DS 423.

<sup>13</sup> Cf. II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 10: DS 432.

<sup>14</sup> Antífona do «Benedictus» no ofício da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 394 [A edição oficial portuguesa omite a versão deste texto: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 438]; cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 21, 2: CCL 138, 87 (PL 54, 192).

mudança Vos fizestes homem e fostes crucificado! Ó Cristo Deus, que por Vossa morte esmagastes a morte, que sois um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salvai-nos!»<sup>15</sup>.

### **CIC 1814-1816: a fé, dom de Deus e a resposta dos homens**

**1814** A fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos disse e revelou e que a santa Igreja nos propõe para acreditarmos, porque Ele é a própria verdade. Pela fé, «o homem entrega-se total e livremente a Deus»<sup>16</sup>. E por isso, o crente procura conhecer e fazer a vontade de Deus. «O justo viverá pela fé» (*Rm* 1, 17). A fé viva «actua pela caridade» (*Gl* 5, 6).

**1815** O dom da fé permanece naquele que não pecou contra ela<sup>17</sup>. Mas «sem obras, a fé está morta» (*Tg* 2, 26): privada da esperança e do amor, a fé não une plenamente o fiel a Cristo, nem faz dele um membro vivo do seu corpo.

**1816** O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, como ainda professá-la, dar firme testemunho dela e propagá-la: «Todos devem estar dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-Lo no caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja»<sup>18</sup>. O serviço e testemunho da fé são requeridos para a salvação: «A todo aquele que me tiver reconhecido diante dos homens, também Eu o reconhecerei diante do meu Pai que está nos céus. Mas àquele que me tiver negado diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus» (*Mt* 10, 32-33).

### **CIC 671-672: conservar a fé na adversidade**

**671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc* 21, 27)<sup>19</sup> pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal<sup>20</sup>, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido<sup>21</sup>, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»<sup>22</sup>. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo

<sup>15</sup> *Ofício das Horas Bizantino*, Tropário «O monoghenis»: «Horológion tò méga (Romae 1876) p. 82.

<sup>16</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

<sup>17</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de iustificatione*, c. 15: DS 1544.

<sup>18</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 48; cf. Id., Decl. *Dignitatis humanae*, 14: AAS 58 (1966) 940.

<sup>19</sup> Cf. *Mt* 25, 31.

<sup>20</sup> Cf. 2 *Ts* 2, 7.

<sup>21</sup> Cf. 1 *Cor* 15, 28.

<sup>22</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

na Eucaristia<sup>23</sup>, para que se apresse o regresso de Cristo<sup>24</sup>, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap* 22, 20)<sup>25</sup>.

- 672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel<sup>26</sup>, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas<sup>27</sup>, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho<sup>28</sup>; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»<sup>29</sup> e pela provação do mal<sup>30</sup>, que não poupa a Igreja<sup>31</sup> e inaugura os combates dos últimos dias<sup>32</sup>. É um tempo de espera e de vigília<sup>33</sup>.

<sup>23</sup> Cf. *1 Cor* 11, 26.

<sup>24</sup> Cf. *2 Pe* 3, 11-12.

<sup>25</sup> Cf. *1 Cor* 16, 22; *Ap* 22, 17.

<sup>26</sup> Cf. *Act* 1, 6-7.

<sup>27</sup> Cf. *Is* 11, 1-9.

<sup>28</sup> Cf. *Act* 1, 8.

<sup>29</sup> Cf. *1 Cor* 7, 26.

<sup>30</sup> Cf. *Ef* 5, 16.

<sup>31</sup> Cf. *1 Pe* 4, 17.

<sup>32</sup> Cf. *1 Jo* 2, 18; 4, 3; *1 Tm* 4, 1.

<sup>33</sup> Cf. *Mt* 25, 1-13; *Mc* 13, 33-37.